NIETZSCHE E SUA INDELÉVEL FORMA DE ENTENDER E JULGAR O CRISTIANISMO*

NIETZSCHE AND HIS INDELIBLE WAY OF UNDERSTANDING AND JUDGING CHRISTIANITY

Hugo França de Souza**

RESUMO
Nietzsche apresenta o Cristianismo como a religião do ressentimento, da fragilidade, da negação de força, da crueldade e da falta de desejo de crescimento. A partir disso, nasce o objetivo do presente trabalho: analisar o modo como o filósofo entende e sentencia o Cristianismo e, se justa sua radicalidade. A metodologia é de cunho bibliográfico, utilizando-se de obras do autor como *Genealogia da moral* e *O anticristo*, além de contribuições de outros pensadores que venham robustecer a pesquisa. Assim, observa-se que o filósofo não leva em consideração a origem do Cristianismo e suas fortes batalhas, exigindo por parte da religião um processo de renovação de força, vitalidade, busca constante de superação e ânsia de crescimento para vencer as normas impostas pelo judaísmo. O Cristianismo luta para não continuar fazendo parte do rebanho dominado pelas lideranças judaicas. Para isso, a religião cristã nascente usa de elementos que fundamentam a própria filosofia de Nietzsche, porém, não se nota em seus escritos viés de reconhecimento desses elementos, por parte do filósofo, referindo-se ao Cristianismo. Torna-se então evidente a não valorização da vitalidade presente na gênesis do Cristianismo, razão pela qual o sentencia injustamente.
PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; cristianismo; entendimento; sentença; superação.

ABSTRACT:
Nietzsche presents Christianity as the religion of resentment, fragility, the denial of strength, cruelty, and a lack of desire for growth. Based on this, the objective of this work is: to analyze how the philosopher understands and judges Christianity and whether its radicalism is justified. The methodology is bibliographic, using works by the author such as: Genealogy of Morals and The Antichrist, in addition to contributions from other thinkers that may strengthen the research. Thus, it is observed that the philosopher does not take into account the origin of Christianity and its strong battles, requiring from the religion a process of renewal of strength, vitality, a constant search for overcoming and a yearning for growth to overcome the norms imposed by Judaism. Christianity struggles not to continue being part of the flock dominated by Jewish leadership. For this, the nascent Christian religion uses elements that underpin Nietzsche's own philosophy; however, no indication in his writings of any recognition of these elements by the philosopher in relation to Christianity is noticeable. It then becomes evident that he does not value the vitality present in the genesis of Christianity, which is why he unjustly condemns it.
KEYWORDS: Nietzsche; Christianity; understanding; judgment; overcoming.

* Artigo recebido em 31/05/2026 e aprovada para publicação em 10/07/2026.
** Doutorando em Filosofia pela FAJE. Mestre em Filosofia pela mesma Faculdade. Apoio FAPEMIG. E-mail: hugofranca1985@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Há mais de um século, o pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900) tem despertado interesse, e cuja produção literária rompe as fronteiras do mundo filosófico. Sua linguagem põe o interlocutor em movimento, sendo capaz de, por meio dos seus questionamentos, colocar em dúvida as certezas estabelecidas ao longo da história, incluindo as crenças. É possível compreender que o propósito do filósofo é arrancar o indivíduo de uma passividade geradora de enfermidade e lançá-lo em um caminho de superação das próprias forças em vista da afirmação da vida. Isso faz a filosofia nietzschiana ser sempre atual e questionadora.

Nietzsche destaca-se pelo jeito de surpreender o seu interlocutor. Primeiro, o leitor é impactado pelo modo de escrita diferenciado. Ainda, não é uma preocupação do filósofo oferecer ao leitor respostas categóricas, e sim, provocações. Além disso, Nietzsche vai de encontro ao modo de vida defendido pelo Cristianismo. Entretanto, as críticas irrefutáveis que Nietzsche elabora sobre o Cristianismo estariam totalmente corretas? O filósofo julga parte da história do Cristianismo ou o todo? Ele não deixa de lado uma força presente na religião cristã?

A partir desses questionamentos, nasce o objetivo do presente trabalho: refletir se o modo de Nietzsche entender e julgar o Cristianismo não estaria minado por equívocos. Porém, antes da possível resposta, é necessário entender sua relação com a religião, como a classifica, como vive o indivíduo religioso e como se posicionam os seus líderes na percepção do filósofo. Por fim, chega-se a possíveis conclusões. Quanto à metodologia, consistirá em pesquisas de material bibliográfico, passando necessariamente pelos escritos nietzschianos, como: *Genealogia da moral* (2009) e *O anticristo* (2016), além da contribuição de comentadores que se dedicam ao assunto em questão.

1 NIETZSCHE E A DESAPROVAÇÃO RELIGIOSA

É fato notório a relação de Nietzsche com o mundo religioso. Isso acontece em face de seu próprio ambiente familiar, pois o pai e os avós eram pastores e esperavam que o filho/neto seguisse o mesmo percurso, tornando-se pastor quando adulto. Contudo, a vida cuida de traçar outro percurso para Nietzsche, e a sólida formação religiosa recebida no ambiente familiar vai

sendo minada por outros pensamentos. Desse modo, o filósofo torna-se reconhecido como um forte crítico da religião, e de forma particular, do Cristianismo.

Nietzsche entende que o florescer da religião encontra-se na anulação das forças do indivíduo, ao não assumir corajosamente suas responsabilidades. Assim, diante dos respectivos desafios da vida, deposita sua confiança em algo ou alguém entendido como superior. Desse modo, a religião [...] "surge tão fortemente em sua consciência, que ele não ousa sentir-se criador de uma tal felicidade e atribui a seu Deus a causa dela, e também a causa desse novo pensamento: como revelação desse Deus" (*M*/A, I, 62, TCGM, 5. 47). Nietzsche, crítico da religião, julga esse suporte religioso como caminho de fraqueza e anulação da vida.

Ao olhar para a vida concreta do indivíduo marcada por tantos dramas, o filósofo prussiano identifica que a religião ganha destaque, sobretudo nos momentos dramáticos da vida humana, como por exemplo: a morte, a solidão, o sofrimento e tantas outras intempéries que batem à porta do indivíduo. Assim, diante desses dramas, os líderes religiosos apresentam explicações com o objetivo de confortar aquele que sofre, aliviando suas dores, implicando por parte do agora confortado abertura para seguir determinada religião (Barros, 2016, p. 362). Contudo, ao mesmo tempo que a liderança religiosa oferece explicações para os dramas, também impõe um determinado modo de vida ao indivíduo, justificando que, ao seguir esse modo, possivelmente não passará por aquele sofrimento novamente. Os momentos difíceis não são entendidos aqui na mesma linha de Nietzsche como natural à condição humana e sim compreendido como caminho de crescimento e fortalecimento.

É fundamental deixar claro que, segundo o entendimento de Nietzsche, o ponto que ele julga ser negativo não se encontra na ajuda para com aquele que sofre. O equívoco encontra-se no fato de a liderança religiosa, usando o nome de Deus, querer dominar a vida do indivíduo, dizendo como ele deve agora se comportar. Mais grave ainda é quando essa liderança apresenta sua religião como a verdadeira e segura. Para o filósofo alemão, isso provoca o apequenamento de força do indivíduo que passa a viver não a partir de suas forças, mas sustentado pelas orientações religiosas, o que é negativo.

Na obra *Anticristo*, Nietzsche (2016) destaca o Budismo e o Cristianismo como religiões negadoras da força do indivíduo. Por sua vez, o Budismo tem um grau de aceitação considerável por parte do filósofo, pois não promete nada, enquanto o Cristianismo promete tudo e não garante o cumprimento de nada (*AC*/AC, 42, TCGM, 6. 219). Um outro elemento de diferenciação entre as duas religiões é que o Budismo não nutre na vida do indivíduo o

rancor. Sendo assim, Nietzsche compreende nas práticas budistas a valorização dos impulsos da vida, não impondo uma realidade de culpa. A centralidade não é a culpa ou pecado como é notório no Cristianismo. "O Budismo é a única religião realmente positiva que a história tem a nos mostrar [...]" (*AC*/AC, 20, TCGM, 6. 187). No entanto, mesmo tendo um olhar de positividade sobre o Budismo, o filósofo prussiano não afirma ser ela a melhor ou a verdadeira religião.

Ao olhar de compreensão nietzschiano, o Budismo consegue assimilar os momentos frágeis da vida como parte natural da existência humana, não buscando entender os sofrimentos como consequência de pecado. Quanto ao Cristianismo, Nietzsche não economiza críticas; julga-o como uma religião dotada de senso de crueldade.

2 VISÃO DO CRISTIANISMO: CRUELDADE E FORÇA

Vê-se que as críticas feitas pelo filósofo alemão sobre a religião cristã são pautadas em sua própria vivência, pelo fato de ter sido educado no seio de uma família tradicionalmente religiosa. A partir dessa experiência, Nietzsche adota um ferrenho entendimento sobre o Cristianismo, apontando-o como uma religião que não consegue despertar no indivíduo a capacidade de realizar um percurso de crescimento perante os desafios inerentes à sua condição existencial.

Desse modo, Nietzsche observa um processo de distanciamento entre os ensinamentos do Nazareno e o Cristianismo. Este, segundo o filósofo, teria alicerçado seu código doutrinário a partir de Sócrates e Platão, deixando de lado aquele que é usado como referência nos discursos religiosos, o Homem de Nazaré. Nesse sentido, platonismo e Cristianismo permanecem extremamente ligados de modo que sua vinculação torna-se uma unidade indissociável (Müller-Lauter, 2009, p. 148). Para o autor de *A genealogia da moral* os referidos filósofos gregos teriam deixado de valorizar a realidade sensível e suas experiências, tendo em vista a dimensão metafísica, algo que não se pode provar de modo empírico. Assim, Nietzsche (*GD*/CI, X, 2, TCGM, 6. 156), conhecedor do pensamento platônico, afirma que: "Platão é um covarde perante a realidade". A realidade suprassensível edificada por Platão é acolhida no discurso religioso cristão como o reino do céu, ou paraíso reservado àqueles que dentro da realidade concreta vivem as normas impostas pelo Cristianismo.

Na concepção de Nietzsche, o Cristianismo controla o modo de vida do indivíduo ao impor um conjunto de normas, gerando indivíduos passivos, doentes, sem força para enfrentar os desafios existenciais. Além disso, o Cristianismo mantém uma posição de separação, tendo de um lado aqueles classificados como os corretos, justos e obedientes à vontade de um Deus, moldado pela religião cristã; por outro, aqueles classificados como não ortodoxos, ativos em suas escolhas, não obedientes à forma de um Deus apresentado pela religião e capazes de viver com coragem e maturidade os desafios da vida em busca de superação (Melo Neto, 2016, p. 164). Nietzsche os declara exímios defensores da vida.

Além do mais, o fato de o Cristianismo, de acordo com Nietzsche, gerar separação no mundo concreto entre obedientes e não obedientes às normas ou à vontade de Deus, conduz a um processo judicial para a realidade pós-morte. Aquele indivíduo que viveu resignado e submisso à doutrina religiosa e aos mandamentos terá como recompensa o reino dos céus. O indivíduo que buscou superar suas próprias forças, não estando preso aos mandamentos, não alimentando o medo de Deus, será condenado a não fazer parte do reino dos céus por não ter seguido a vida de acordo com os ensinamentos religiosos (Melo Neto, 2016, p. 164). Não terá, portanto, a felicidade eterna.

Fica claro que Nietzsche lança suas críticas à religião cristã, não a Jesus Cristo. Quanto a este, o filósofo tem admiração e o reverencia por sua coragem e firmeza pelo modo afirmativo de viver. "O próprio Jesus não reivindica nada para si mesmo: enquanto filhos de Deus, todos são iguais a todos" (Almeida, 2005, p. 182). As posturas do Nazareno são entendidas por Nietzsche como um grande caminho de ensinamento para todo indivíduo que deseja fazer um percurso afirmativo de vida. Salienta que, mesmo Jesus tendo passado por muitos períodos difíceis, principalmente no momento de sua condenação, ainda permanece firme e ensina, com sua postura, como os indivíduos devem se comportar nos momentos de sofrimento, sem se deixar levar pelo ressentimento (Prideaux, 2019, p. 309-310). No entanto, o exemplo de Jesus Cristo não foi continuado, mas seguido de uma outra forma. A religião cristã toma distância dos ensinamentos do Homem da Galileia.

Na percepção nietzschiana, o Cristianismo, por meio do seu conjunto doutrinário, provoca no indivíduo o medo, a não valorização da força, o apequenamento, a submissão. Passa a existir uma desnaturalização do indivíduo. Sendo assim, o filósofo de Naumburg expõe, "[...] surge a nova doutrina de que também o pecador e não redimido é imortal, a doutrina da danação eterna, e ela foi mais poderosa que o pensamento da morte definitiva, já inteiramente debilitada" (*M*/A, I, 72, TCGM, 5. 55). Nietzsche critica o Cristianismo por

disseminar discurso de medo, culpa e pecado fazendo com que o indivíduo viva aprisionado em sua realidade concreta.

Nietzsche destaca um olhar positivo sobre o Nazareno, pelas ações afirmativas e de superação das forças: curava os enfermos e restituía a força e o desejo de viver a vida na realidade sensível, rompia as correntes que prendiam à vida. O Cristianismo, por sua vez, provoca em seus adeptos um processo de adoecimento, buscando eliminar a força de superação natural da vida. "Sofrimentos e impotência – foi o que criaram todos os trasmundanos; e a breve loucura da felicidade, que apenas o ser mais sofredor experimenta" (*Za*/ZA, I, TCGM, 6. 31). O autor de *Assim falou Zaratustra* (Nietzsche, 2018) interpreta que as lideranças religiosas faltam com a honestidade em seus ensinamentos, provocando um caminho de negação da vida e da realidade concreta.

Com seu entendimento inquestionável, o autor de *Humano, demasiado humano* (Nietzsche, 2005), critica fortemente o Cristianismo como sendo uma religião de falta de coerência entre o que é anunciado em seus templos e a prática cotidiana. "O Cristianismo nasceu para aliviar o coração; mas agora deve oprimi-lo para mais adiante poder aliviá-lo" (*MA I*/HH I, III, 119, TCGM, 4. 100). Assim, Nietzsche destaca o Cristianismo como a religião dos fracos, da passividade, dos doentes e daqueles que vivem uma vida de negação da própria força inerente à sua existência, o que é assimilado pelo filósofo como algo negativo, dificultando buscar um caminho de assenhoramento.

Nietzsche associa os indivíduos pertencentes ao Cristianismo a um rebanho sob a proteção de normas religiosas. Contudo, vivem a fragilidade de suas forças, um ressentimento, um processo de anestesiamento, não deixando florescer sua vontade de crescimento. "É cristão um determinado senso de crueldade, contra si mesmo e os outros; o ódio aos que pensam diferentemente; a vontade de perseguir" (*AC*/AC, 21, TCGM, 6. 189). Segundo o filósofo alemão, mesmo tendo um discurso pró-vida, o Cristianismo é uma religião que a maltrata, provocando o engessamento do indivíduo; logo ela passa a ser antivida.

A vida anestesiada e presa ao rebanho faz com que o indivíduo passe a sonhar com uma vida feliz e perfeita no mundo suprassensível, realidade incerta criada por Platão. Contudo, Nietzsche defende que alimentar essa possibilidade de continuidade de vida no mundo metafísico, leva o indivíduo à renúncia da verdadeira certeza do mundo sensível, vivendo então uma ficção. Assim, deixa de existir uma vida terrena salutar. Há uma consciência dominada, gerando a má consciência.

3 O INDIVÍDUO SOB O DOMÍNIO DA MÁ CONSCIÊNCIA

Na concepção nietzschiana, o indivíduo dominado pelo senso religioso é uma pessoa presa que não valoriza os seus impulsos naturais. A consciência disciplinada pela doutrina cristã coloca o indivíduo em contexto de limitação. Há medo de infringir qualquer mandamento e ser penalizado. Nietzsche (*M*/A, I, 9, TCGM, 5. 14) aponta uma realidade de sofrimento, pois "o indivíduo deve sacrificar-se – assim reza a moralidade do costume". O homem sente-se constantemente vigiado por aqueles que o cercam, dimensão não positiva para o processo de afirmação da vida.

O filósofo de Naumburg entende que, se o indivíduo não tem opção de viver as experiências naturais da vida, então não consegue se superar e se afirmar. Desse modo, o indivíduo não pode se deixar dominar pela má consciência, constantemente reforçada pela doutrina religiosa ao impor seu conjunto de mandamentos, doutrinas e costumes. "Sob o domínio da moralidade do costume, toda espécie de originalidade adquiriu má consciência; até o momento de hoje, o horizonte dos melhores tornou-se ainda mais sombrio do que deveria ser" (*M*/A, I, 9, TCGM, 5. 15). Nietzsche acusa o Cristianismo de impor ao indivíduo uma vida acorrentada pela própria consciência.

Ainda, entende que a má consciência exclui tudo o que é natural e essencial para se ter uma vida de superação e afirmação. A má consciência edifica barreiras impedindo o indivíduo de aproveitar as experiências inerentes à vida dentro de um contexto de crescimento. "O que é a má consciência? É o voltar-se contra si mesmo da violência e da crueldade natural do ser humano" (Thomass, 2019, p. 85). Diante disso, Nietzsche compreende que o Cristianismo reforça no indivíduo uma constante vigilância pela sua má consciência, o que não é nada saudável, e sim um processo patológico e enfraquecedor de força de crescimento.

Ao criticar o Cristianismo, Nietzsche interpreta a má consciência como uma patologia. Aos poucos, enfraquece, tira as forças do indivíduo e prende-o em grades que só existem na consciência daquele que pertence e aceita viver aos modos da religião cristã. "Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob pressão da mais radical das mudanças que viveu" (*GM*/GM, II, 16, TCGM, 6. 283). Ao olhar nietzschiano é possível elencar dois obstáculos originados pela pecaminosa má consciência. Primeiro, gera um corte com a naturalidade da vida orgânica, impedindo um processo de crescimento. Segundo, passa a existir uma violação por parte do Cristianismo ao impor os mandamentos ao indivíduo. Diante disso, o indivíduo encontra-se preso a uma má consciência (Azeredo, 2016,

p. 294). Nietzsche assinala o modo de dominação causado pela religião como um ato de violência e crueldade para com a vida orgânica.

Na compreensão do filósofo, o Cristianismo ainda conduz o indivíduo a sentir-se um eterno devedor e culpado. Por isso, precisa viver constantemente fazendo sacrifícios na esperança do perdão divino. Deus, de acordo com a mensagem religiosa cristã, é visto como um carrasco e não um pai amoroso. "O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa" (*GM*/GM, II, 20, TCGM, 6. 291). A imagem difundida pelo Cristianismo é de um Deus vingativo, pronto a castigar aquele que não corresponde com sua dívida.

Dessa forma, o indivíduo dominado pela má consciência de sua dívida com Deus sente-se cada vez mais encarcerado, sem condições de força por esse contágio. Isso faz com que o indivíduo se veja apenas como aquele que precisa sofrer, ser castigado para sanar sua dívida. "O castigo teria o valor de despertar no culpado o sentimento de culpa, nele se vê o verdadeiro *instrumentum* dessa reação psíquica chamada 'má consciência', 'remorso'" (*GM*/GM, II, 14, TCGM, 6. 280). Nietzsche, com sua forma particular de julgar o Cristianismo, entende que tal imagem de Deus não condiz realmente com o Deus que ele acredita existir.

Nietzsche não está a concordar com aquela imagem de Deus que lhe foi transmitida como herança religiosa familiar. Para o filósofo, Deus não espera sacrifício, logo é necessário entender e viver sem medo, com coragem e ciente dos desafios. A compreensão nietzschiana sobre Deus é marcada pela leveza, diversão e movimento, dentro de uma realidade festiva e de convivência (*Za*/ZA, I, TCGM, 6. 43). Assim, o indivíduo precisa libertar-se da má consciência e abraçar a vida orgânica com olhar de superação. O Cristianismo ainda alimenta na vida dos seus seguidores uma realidade de vida ascética, que ao olhar de Nietzsche, é mais uma prática de fragilidade, de privação que causa o próprio martírio do indivíduo.

4 O SACERDOTE ASCÉTICO E O MARTÍRIO

Compreende-se o ideal ascético como um modo de vida que segue práticas exigentes de controle perante os prazeres que o mundo oferece. Tais práticas eram exercidas de modo particular por atletas, tendo como objetivo deixar o corpo preparado para competir e alcançar a desejada vitória. Sendo assim, algumas religiões passam a assumir esse modo de vida dando uma dimensão religiosa, dentre elas, o Cristianismo. Agora, a renúncia não é mais em vista de

jogos, e sim de sacrifício para ajudar na purificação dos pecados e melhor viver uma comunhão com Deus.

Na concepção de Nietzsche, tudo foi uma manobra por parte das lideranças religiosas, impondo ao indivíduo mais um peso a ser carregado. Com isso, o filósofo julga as lideranças religiosas chamando-as de "esportistas da santidade" (*GM*/GM, III, 17, TCGM, 6. 336). Há uma mudança de perspectiva, pois se os atletas viviam as práticas ascéticas preparando-se por completo, a religião tem uma preocupação apenas com a dimensão espiritual. Isso ratifica mais um elemento de adesão do Cristianismo à filosofia platônica defensora do dualismo corpo e alma.

O filósofo prussiano não admite o dualismo e não reconhece a existência de superioridade na relação alma e corpo como reza a corrente platônica[1]. Nietzsche entende que as práticas ascéticas teriam uma positividade aos modos de origem, tendo o cuidado de preparar e renovar as forças do indivíduo por completo, encorajando-o para enfrentar os desafios da vida orgânica. A religião despreza o corpo, o material e o sensível, em vista do cuidado para com a alma.

Nietzsche, defensor da vida orgânica, resiste às práticas ascéticas disseminadas pela religião cristã, não conseguindo compreender nada mais do que dor e sofrimento sobre a vida. Por sua vez, o sacerdote, autoridade do rebanho, apresenta por intermédio de suas palavras uma soberania recebida de Deus que impõe aos membros da religião como eles devem viver regrados pelas orientações divinas. "O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse" (*GM*/GM, III, 11, TCGM, 6. 320). Assim, o sacerdote conduz o rebanho a um engessamento, apequenamento e fragilidade de força, o que implica uma prática martirial de forma lenta e dolorosa dos indivíduos, afirmando ser vontade de Deus.

O filósofo interpreta, na atuação do sacerdote ascético, o percurso de renúncia à realidade concreta da vida; entende seus anos de vida aqui na terra apenas como um tempo de sofrimento, dor e purificação em vista de uma vida feliz na realidade suprassensível. "Já me entendem: este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador – ele exatamente está entre as grandes potências conservadoras e afirmadores da vida" (*GM*/GM,

[1] "De forma que, na tua opinião – prosseguiu Sócrates –, as preocupações de tal homem não se dirigem, de modo geral, para o que diz respeito ao corpo, mas, ao contrário, na medida em que lhe é possível, elas se afastam do corpo, e é para a alma que estão voltadas? Sim, sem dúvida. É, pois, para começarmos a nossa conversa, em circunstâncias desta espécie, que se revela o filósofo, quando, ao contrário de todos ou outros homens, afasta tanto quanto pode a alma do contato com o corpo? Evidentemente" (Fédon, 64 e-65a).

III, 13, TCGM, 6. 325). Ao olhar do autor de *A genealogia da moral* (Nietzsche, 2009), o sacerdote é um verdadeiro lobo em pele/discurso de cordeiro. Ele é realmente o mais fiel negador da vida. Prega a abdicação da vida terrena, martírio à vida.

Em face das normas impostas pela autoridade religiosa, o indivíduo acolhe as imposições como algo necessário a ser vivido na esperança de um futuro marcado por menos sofrimento. No entanto, tal posição implica viver a realidade concreta imersa no sofrimento, na fraqueza de força, reforçando o apequenamento. "O Cristianismo tem necessidade de ritualizar a violência sob a forma de cultos e cerimoniais, precisa debilitar para domesticar e dominar" (Giacoia Junior, 2014, p. 153). Nietzsche destaca essas posturas como patológicas e não edificantes para a vida. Na verdade, o que há é uma negação da realidade sensível e da própria vida na sua condição natural.

As práticas ascéticas impostas pela religião são, na realidade, práticas de rejeição da vitalidade e caminho de renúncia do desejo de assenhoramento. Ao entender de Nietzsche, o sacerdote ascético alegra-se com o engessamento dos membros do rebanho, alimenta neles uma mentalidade medrosa e não de superação dos desafios inerentes à vida orgânica. "Transformando a fera em 'pecador', tornando-a culpada pela existência de seus próprios impulsos 'bestiais', suas mais fortes pulsões, o sacerdote pôde domá-la a seu serviço" (Giacoia Junior, 2014, p. 140-141). Assim, o Cristianismo guia os seus adeptos a fim de realizarem um caminho de sacrifício, bem mais precioso e sagrado a ser valorizado, a vida. Pode-se dizer então, que o Cristianismo incentiva a negação da realidade sensível, gerando uma vida decadente, algo totalmente desaprovado pelo filósofo alemão que luta pela defesa da vida em sua realidade concreta.

5 A DECADÊNCIA LIMITA A ASCENSÃO À VIDA

Ao olhar criterioso de Nietzsche, a sociedade encontra-se mergulhada em um mar de decadência. Indica seu marco pela solidificação do pensamento de Sócrates e Platão que abandonam o estilo de vida existencial marcado pela criatividade e pelo acolhimento de tudo aquilo que fazia parte da vida natural, em vista da valorização do método racional.

No entendimento do filósofo, o fato de colocar de lado toda a tradição mitológica, gera uma inversão de valores afirmativos da vida, o que provoca na sociedade a não ascensão da vida. Nietzsche declara que a cultura entra em profundo processo de decadência a partir do momento em que dá relevância às regras impostas pelo crivo da razão (Feiler, 2011, p. 27).

Desse modo, o processo inovador de compreender e viver no mundo sensível provoca o declínio do indivíduo, esvaziando-o de sua criatividade natural para encarar as adversidades. "Ter de combater os instintos – eis a fórmula de *décadence*: enquanto a vida ascende, felicidade é igual a instinto" (*GD*/CI, II, 11, TCGM, 6. 68). Para o pensador alemão, a dominação dos instintos com o exercício da racionalidade é um caminho de decadência para a cultura.

O fato de a racionalidade reprimir os instintos ocasiona, segundo a reflexão nietzschiana, fragilidade e adoecimento do indivíduo inserido na sociedade que também é afetada, dando origem a uma civilização em perene estado de enfermidade. Desse modo, Nietzsche julga o Cristianismo como acolhedor e propagador do pensamento de Sócrates e Platão, tornando assim, uma religião doente, fraca e decadente. "A decadência é uma diminuição, um enfraquecimento do homem; é a transformação do tipo forte no tipo fraco, o triunfo das forças reativas sobre as forças ativas" (Machado, 2022, p. 89).

Em face do processo de decadência, Nietzsche compreende que o indivíduo precisa descobrir, a partir de sua própria realidade, forças para superação da existência, patologia em que encontra-se imerso. Para que isso aconteça, é necessário um desapegar-se das amarras da doutrina religiosa cristã, livrar-se das correntes normativas e descobrir o potencial que é inerente a sua natureza. Assim sendo, "a desagregação do que é originalmente coeso sob um tal domínio só poderá ocorrer se o próprio 'impulso' dominante der ensejo a isso" (Müller-Lauter, 2009, p. 128). O indivíduo deve assumir aquilo que realmente é salutar para sua ascensão buscando sentido para a realidade concreta da existência.

Segundo Nietzsche, os ensinamentos cristãos como, humildade, simplicidade e compaixão não agregam positividade ao indivíduo. Na verdade, provocam apequenamento, fragilidade e diminuição da força de crescimento. Para o filósofo, compreender que o outro sofre e ajudar a aliviar a sua dor é algo valioso, porém sem se deixar contaminar pela situação de vida daquele que sofre. Além disso, não é correto ver o sofrimento como uma realidade de castigo e punição, e sim, ter clareza da real situação e buscar descobrir forças para superar os momentos desafiadores.

Na interpretação de Nietzsche, o Cristianismo busca sempre reforçar a uniformidade e a segurança no rebanho, provocando a desvalorização da força afirmativa de vida, algo singular e que precisa ser despertado no indivíduo aos modos da tradição mitológica. É mais salutar viver um caminho de instabilidade, livrando-se das amarras da religião a viver preso e renunciar assumir suas próprias responsabilidades (Harris, 2020, p. 247). Para o filósofo, a

não valorização do desejo de assenhoramento para afirmação da vida ocasionada pela vivência cristã leva a sociedade ao adoecimento, à decadência. No entanto, a cura encontra-se no próprio interior do indivíduo: sua força de vontade e desejo de afirmação da vida dentro da realidade concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a forma de Nietzsche entender e julgar o Cristianismo. Para isso, é fundamental ter ciência do entendimento do filósofo, quando se refere ao mundo religioso cristão. A educação de berço em família fortemente marcada pela vivência cristã é um dado relevante; traz consigo uma fala carregada de experiência e conhecimento.

Nietzsche entende e considera que o conjunto normativo edificado pelo Cristianismo não realiza um percurso afirmativo da vida. Ao seu olhar, a religião cristã não deu continuidade às ações do Nazareno, mas buscou aproximar-se de Sócrates e Platão, disseminando a negação da realidade sensível. Assim, o filósofo destaca que o Cristianismo provoca no indivíduo um processo de engessamento, prisão, fragilidade, crueldade e peso de consciência. Para Nietzsche, essa religião não conduz o indivíduo a um caminho de ascensão, de senso de singularidade, de valores em constante processo de defesa da vida (Heit, 2010, p. 629). Diante disso, o filósofo alemão está correto quanto às provas apresentadas contra o Cristianismo?

Torna-se claro que há uma distinção metodológica no que toca à valorização da vida entre Nietzsche e o Cristianismo. Enquanto o Cristianismo afirma que o indivíduo forte é aquele capaz de viver uma vida de ascese, obediência e resignação, acolhendo os mandamentos religiosos como caminho seguro e positivo para viver uma vida afirmativa, Nietzsche, por outro lado, destaca que o indivíduo forte não aceita ser dominado pelas normas, respeita seus instintos e leva em consideração as pulsões da vida orgânica. Olha os desafios como não sendo castigo, mas caminho de crescimento, renovação de força e desejo de assenhoramento.

Além disso, é possível destacar que o filósofo não reconhece no Cristianismo a vontade de crescimento, força de lutar para livrar-se das amarras que o impedem de florescer. Ao voltar para o início do Cristianismo, certifica-se que muitos cristãos enfrentaram fortes batalhas, chegando inclusive a doar a própria vida, e cada combate enfrentado não era

entendido como sinal de vitória ou derrota, mas sim, parte de um processo contínuo de fidelidade iniciado pelo Homem da Galileia, exigindo sempre força, crescimento, renovação e superação. Se por um lado as lideranças judaicas compreendiam esses atos como de subversão contra a verdadeira religião da época, por outro, para os que seguiam o "caminho" eram na verdade ações de superação, gerando o rompimento das correntes que os prendiam ao rebanho formado pela religião judaica da época.

Torna-se evidente a presença de elementos fundamentais do pensamento nietzschiano no início do Cristianismo. A vontade de expansão, a renovação de força em face das lutas, o não se curvar diante das dificuldades, a capacidade de enfrentar os desafios com ânsia de crescimento, o espírito de conquista são todos elementos defendidos pelo filósofo e vividos, com intensidade, pelos primeiros cristãos. Isso demonstra que Nietzsche não valoriza a origem do Cristianismo, não considerando inclusive os elementos basilares daquilo que ele defende como solução para a cultura moderna sair de sua condição de enfermidade.

Em síntese, o Cristianismo pode não ter continuado a seguir os mesmos fundamentos da sua origem, no entendimento do filósofo. Contudo, o fato de Nietzsche não reconhecer em momento algum nada desses elementos de vitalidade e renovação de força, resulta em equívoco em seu modo de entender e julgar a religião cristã. Conclui-se então, que Nietzsche defende um entendimento incorreto do Cristianismo e o sentencia de modo permanente por meio de uma condenação injusta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e o paradoxo**. São Paulo: Loyola, 2005.

AZEREDO, Vânia Dutra de. Má consciência. *In*: Grupo de Estudos Nietzsche (org.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.

BARROS, Fernando R. de Moraes. Religião. *In*: Grupo de Estudos Nietzsche (org.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.

FEILER, Adilson Felicio. **Nietzsche**: sujeito moral e cultural cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**: o humano como memória e como promessa. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARRIS, Daniel I. Nietzsche on honesty and the will to truth. **Journal of the British Society for Phenomenology**, Londres, v. 51, n. 3, p. 247-258, 2020.

HEIT, Helmut. Nietzsche über wissenschaft, metaphysik und perpektivismus. **Nietzsche-Studien**, Berlim, v. 39, n. 1, p. 628-638, 2010.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche**: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Tradução de Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

MELO NETO, João Evangelista Tude de. Cristianismo. *In*: Grupo de Estudos Nietzsche (org.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PRIDEAUX, Sue. **Eu sou dinamite**: vida de Friedrich Nietzsche. Tradução de Claudio Carina. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

THOMASS, Balthasar. **Afirmar-se com Nietzsche**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2019.